

Sessão Coordenada 05 - **A DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO EM EDUCAÇÃO**

EDUCAÇÃO SOCIAL: COMO FORMAR PROFISSIONAIS PARA INCLUIR CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL? Karin Gerlach Dietz** (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP*)

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os sentidos e significados que um educador social que trabalha no contraturno escolar constitui para a atividade que desenvolve em uma instituição que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social. Aqui, mais especificadamente, será exposto sobre a formação do educador social e suas possíveis especificidades para atender esse público. Sabe-se que a educação social busca complementar as ações do estado ou atuar em áreas em que ele não se faz ainda presente, tendo como meta minimizar ou superar os processos de exclusão social que atingem grandes parcelas da população brasileira. Até os anos 1980, no Brasil, esta educação tinha como base práticas advindas dos movimentos sociais e ligadas às propostas de Paulo Freire. Devido às mudanças econômicas, a partir da década de 90, a demanda para a educação modificou-se, ampliando suas necessidades para além dos conteúdos desenvolvidos pela educação formal. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, realizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, a atividade do educador social, desde janeiro de 2009, insere-se na classe de 'Trabalhadores de atenção, defesa e proteção a pessoas em situação de risco'. O Projeto Lei n. 5346 de 2009, que aguarda parecer, pretende criar a profissão de educador social no Brasil, uma profissão de caráter social e pedagógico, que engloba profissionais envolvidos em atividades educativas fora do âmbito escolar. Diante deste cenário, no presente estudo, na busca de atingir seu objetivo, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica, foram produzidos dados mediante entrevistas junto a um educador social: Daniel, com oito anos de experiência, responsável pelas oficinas de circo. O material colhido foi sistematizado e analisado por meio da proposta de construção de Núcleos de Significação. A análise dos dados nos mostra a intenção de realizar uma práxis transformadora, no entanto, esse caminho ainda é frágil e pouco definido. Por meio da entrevista, Daniel evidencia o atual processo constitutivo de sua profissão. A condição de ser e, ao mesmo tempo, ainda não ser profissional, constitui um conflito a ser continuamente enfrentado, gerando, possivelmente, incertezas sobre o que faz e quem é. A educação social, desde a sua nomenclatura até a legalização de sua profissão, enfrenta entraves que dificultam a sua definição, especificação, objetivos a atingir, teoria adotada e estratégias utilizadas. Dada a importância da educação social no atual cenário brasileiro, ressalta-se a necessidade de se refletir sobre os conceitos que constituem sua prática: o educacional e o social, sem dicotimizá-los. A intenção transformadora desta educação esbarra nos mesmos entraves da educação formal, quando não consegue articular seu conteúdo com a estrutura dialética do todo, a história e suas determinações. Segmentar a educação em escolar e social, elitizar uma e destinar outra à população carente e vulnerável não possibilitará a necessária articulação a ser efetivada entre elas e, desse modo, as duas revelam somente uma visão aparente e parcial da realidade em que vivemos.

Educador Social. Formação. Inclusão Social.

CNPq

Mestrado - M

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

ANÁLISE DA ATIVIDADE DOCENTE POR MEIO DA CLÍNICA DA ATIVIDADE.

Wanessa Lopes de Melo** (*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Maceió, AL*)

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a complexidade da atividade docente, a partir da perspectiva da Clínica da Atividade desenvolvida por Yves Clot e seus colaboradores, com foco no currículo escolar das séries iniciais do ensino fundamental. A intenção foi buscar compreender a atividade docente tal como é desenvolvida na sala de aula, pela própria professora, considerando as condições, os recursos e as pressões reais vividas no cotidiano da sua atividade. Foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, com a utilização da autoconfrontação simples, que tem como objetivo desencadear um processo de análise e reflexão na professora diretamente envolvida na pesquisa e, em decorrência, permitir que haja possíveis transformações na sua atividade docente curricular. Essa técnica reside no fato de que é o próprio sujeito quem produz o material para análise na autoconfrontação, no momento em que ele está realizando sua atividade de trabalho. Essa técnica integra diferentes fases: a videogravação propriamente dita da situação a ser analisada, que é a gravação do sujeito da pesquisa no momento em que está realizando sua atividade e as sessões de análise e reflexão, que serão analisadas a partir dos fundamentos da Clínica da Atividade, que tem como principal referencial teórico a abordagem da psicologia histórico-cultural. É nossa intenção, em especial neste tipo de pesquisa que envolve filmagens, que o sujeito participante da pesquisa ganhe voz, que ele esteja diretamente implicado na produção das informações e que não seja, apenas, o pesquisador o único responsável a tecer considerações sobre a atividade do sujeito. A autoconfrontação permite uma troca de papéis, já que o pesquisador deixa de ser o único sujeito a observar a atividade, pois ela passa a ser prioritariamente observada e analisada por aquele que a planeja e executa. Encontramos, na autoconfrontação, a possibilidade de instaurar uma parceria entre pesquisador e sujeito da pesquisa, como também, coletar dados do momento de realização da atividade. A professora participante dessa pesquisa ensina em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública municipal de Maceió, localizada na periferia da cidade, enfrentando cotidianamente obstáculos de toda ordem na efetivação do currículo dentro da escola. Foram realizadas: uma entrevista de história de vida, observações e filmagens na sala dessa professora. A turma era uma 2ª série do Ensino Fundamental. Essa professora foi convidada a analisar e discutir a sua própria atividade, como a faz, os seus obstáculos e, também, o que não pode fazer para tornar possível a sua atividade curricular. Olhar para a atividade de trabalho dessa professora implicou considerar os saberes, recursos e valores que circulam na sua visão de educação e para a forma e o grau em que sua atividade é determinada pelas prescrições curriculares, que se reconstroem no encontro, sempre singular, com variabilidades inscritas nas situações reais de trabalho. Os valores que operam na atividade da professora pesquisada não são desvinculados dos valores que a move na vida cotidiana, os valores que ela carrega influenciam sua atividade, determinam caminhos.

Atividade docente. Clínica da Atividade. Autoconfrontação.

Não houve

Mestrado - M

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

A PESQUISA CRÍTICA COLABORATIVA E O ESTUDO DA DIMENSÃO SUBJETIVA DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS: PESQUISAR INTERVINDO, INTERVIR PESQUISANDO. Luane Neves Santos** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)

O objetivo desta exposição é apresentar reflexões sobre a Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol), proposta por Magalhães, utilizada em pesquisas do Grupo “Atividade Docente e Subjetividade”, que busca investigar a dimensão subjetiva dos processos educacionais, focando, especialmente, as significações constituídas pelos professores, gestores, alunos, responsáveis e funcionários sobre esta realidade e suas relações com o processo de (trans)formação do indivíduo como ser mediado pela história e pela cultura. A perspectiva adotada é a da Psicologia Sócio-histórica e, como dito, da PCCol, entendidas como capazes de orientar os pesquisadores no processo de compreensão da realidade destacada, criando condições de analisar a escola como fenômeno histórico-social. A pesquisa em questão, pelo seu caráter crítico colaborativo, pretende, ser ela mesma, no ato de sua realização, uma possibilidade geradora de transformações, tanto na escola, como no próprio grupo de pesquisa. A PCCol caracteriza-se como um tipo de pesquisa que contribui com teorizações e indicações de procedimentos de pesquisa que nos orientam para entrada no campo de forma comprometida com a colaboração, com uma postura de entendimento das necessidades do outro (os participantes da pesquisa), com a clareza da importância de estabelecer objetivos comuns e uma postura de abertura para a aprendizagem de todos os envolvidos no processo de pesquisa. Nesse sentido, ao passo em que permite produzir conhecimento, apresenta potencial transformador da realidade. Desenvolvida especificamente no contexto de formação de educadores em ação, este tipo de pesquisa pode ser utilizada em outros contextos, mas tem sido utilizada como lócus de discussão, ou seja, espaços para que os sujeitos implicados discutam e questionem suas necessidades, as determinações de seu contexto específico e, conjuntamente, possam trabalhar contra a alienação e o individualismo que, em geral, permeiam a organização escolar. A PCCol pode ser considerada como um método de pesquisa desenvolvido no contexto escolar, situado num paradigma crítico e que tem como dois pilares a colaboração e a reflexão crítica. A colaboração em pesquisa pode ser entendida como o estabelecimento de um processo intencional de participação, que pressupõe uma atitude de envolvimento dos participantes, o desenvolvimento de uma confiança mútua, forjada, em que se respeite e considere os valores, ideias e necessidades do outro e, também, na tentativa de expor, de forma clara, suas próprias ideias, valores e necessidades. Implica disponibilidade, compromisso e responsabilidade, ou seja, intenção transformadora. Este tipo de pesquisa cria a possibilidade dos participantes (incluindo os pesquisadores), contribuírem para a transformação das atividades em foco visando a superação das condições sociais de desigualdade em suas variadas manifestações: pobreza, autoritarismo, preconceito, violência, etc. Tal intento é alcançado por meio da participação coletiva na condução da pesquisa, da intencionalidade de transformar e pelo comprometimento com a produção de conhecimentos significativos e críticos. Os resultados das nossas pesquisas incluem fortalecimento didático e científico do programa de pós-graduação participante; a ampliação e aprofundamento dos estudos produzidos acerca da dimensão subjetiva dos processos educacionais; aprimoramento da formação de alunos, pesquisadores e educadores trabalhadores da escola.

Pesquisa Crítica Colaborativa. Dimensão Subjetiva. Processos Educacionais.

Não houve

Outro

MET - Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

DE NÃO-PROFESSOR A PROFESSOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CURSOS SUPERIORES DE FORMAÇÃO TECNOLÓGICA. *Rodrigo Toledo** (Programa de Educação: Sujeitos, Formação e Aprendizagem Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi refletir sobre o processo de construção da identidade profissional de professores de Cursos Superiores de Formação Tecnológica. Cunhou-se o termo não-professor para designar os profissionais que são desafiados a constituir uma identidade profissional docente para a qual não receberam formação específica. Foram selecionados sete participantes que atuavam em Instituições de Ensino Superior privadas de São Paulo. Empregou-se como procedimento de coleta de informações a escrita de uma carta com um conjunto de recomendações a um professor iniciante, cuja análise do discurso buscou fundamentação na metodologia de pesquisa qualitativa. A análise dos dados se pautou nos conceitos de identidade como metamorfose, identidade profissional docente, identidade para si e identidade para o outro, matrizes pedagógicas e saberes docentes. O conteúdo das cartas permitiu que os dados fossem organizados em 3 eixos de análise: trabalho por processo, absenteísmo dos alunos e fluxo organizacional. A discussão dos eixos pautou-se em uma metáfora que se denominou Âncoras da Docência. Optou-se utilizar esse termo, pois a âncora é um instrumento fundamental para um navio fixar-se em terra. Ela permite que o navio fique atracado no porto que o manterá seguro, até a próxima viagem. É importante destacar que o profissional ao iniciar o trabalho como docente necessita buscar suas referências, aquelas que já foram construídas com base em experiências pedagógicas que permeiam sua trajetória. Diante disso, denominaram-se os portos onde os participantes lançam suas âncoras. Porto 1 - Trabalho por Processo, exprime aquilo que para os participantes é comum nos contextos organizacionais: a tomada de decisões e o atendimento a demandas conforme elas são surgem ou são solicitadas por um superior. Porto 2 – Absenteísmo dos alunos designa algo fundamental para os participantes: o controle do trabalho no contexto organizacional. Para eles, o mesmo precisa ser feito com os alunos faltosos, pois garantindo a presença daqueles se tem a possibilidade de alinhar seu desempenho à cultura de resultados que deles se espera. O aluno será formado em acordo com o que se espera dele nas empresas onde trabalharão no futuro. Porto 3 – Fluxo Organizacional – ilustra o que os participantes acreditam que caberia ao professor: criar os fluxos que determinam os encaminhamentos necessários para o “sucesso” das demandas organizacionais. Isso poderia ocorrer, por exemplo, se o professor lembrasse que os alunos iniciantes nem sempre compreendem o fluxo organizacional existente no Ensino Superior, por isso, deveria ressaltar alguns expedientes tais como: licenças médicas, pontualidade no pagamento das mensalidades, postura madura e cordial entre todos, evitando assim, atritos que possam acarretar procedimentos disciplinares. Os resultados indicaram que um modo de identificação forte para os participantes é com a figura do gestor, tal como os de organizações empresariais, o que lhes confere atribuição e pertença no exercício da docência. Diante de tal descoberta, pode-se afirmar que assistimos ao surgimento de uma nova modalidade de docente, que carece de maior atenção das políticas educacionais e das Instituições de Ensino Superior que oferecem Cursos Superiores de Formação Tecnológica.

Formação de professores. Identidade profissional. Cursos Superiores de Formação Tecnológica
Não houve

Mestrado - M

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

SER DIFERENTE: DIFICULDADES E SUPERAÇÃO DE PESSOAS CANHOTAS EM DIFERENTES GERAÇÕES. *Priscila Lambach Ferreira da Costa** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

A pesquisa teve por objetivo compreender como pessoas de diferentes gerações vivenciam a condição de serem canhotas, suas dificuldades e formas de superação. Para isso, buscou-se identificar as características de manifestação da lateralidade, e posteriormente compreender a relação do sujeito com sua família, escola e trabalho frente a essa condição. Dessa forma, foi possível localizar as dificuldades enfrentadas por esse grupo, as facilidades e vantagens de ser canhoto, discutindo o significado dessa diferença, e os mitos e preconceitos enfrentados ao longo de suas vidas. Foi realizado um estudo teórico para levantar o significado da palavra canhoto em inúmeros dicionários e idiomas, visando compreender melhor as representações e os significados compartilhados acerca dessa condição. Posteriormente, estudou-se o canhoto ao longo da história e concepções que permearam seu processo discriminatório, até a chegada nos dias atuais que, apesar de bem menos conflituoso, ainda é possível notar muitas expressões, e palavras que ressaltam o positivo do lado direito, e o negativo do lado esquerdo. Após o breve histórico, realizou-se um estudo sobre a lateralidade, os aspectos biológicos presentes no canhotismo, a incidência dos canhotos nas populações, as diferenças dos hemisférios cerebrais, além das diversas formas de manifestação da lateralidade, em seus múltiplos aspectos. Depois da parte teórica, organizou-se uma parte empírica, em que foram realizadas entrevistas não diretivas, com foco nas histórias de vida, em busca da compreensão da constituição do sujeito, tal como proposto por Ciampa. Foram entrevistadas cinco mulheres entre 23 e 82 anos, representantes de diferentes gerações, da cidade de São Paulo e Curitiba que permitiu identificar mudanças na maneira como a escola e a sociedade perceberam e agiram em relação ao sujeito canhoto. Os dados demonstram experiências variadas, havendo casos de repressão da lateralidade pela família e pela escola, e outros em que não houve objeção. As dificuldades se mantiveram no aspecto material, como o uso de tesouras e carteiras escolares, por exemplo. De forma comum, constatamos que essa diferença que atinge um grupo minoritário, ainda que implique algumas dificuldades, não é vivenciada negativamente. Verificamos que o canhoto aceita e se compraz com sua condição, sente-se pertencente a um grupo em que as pessoas se reconhecem e se valorizam e, apesar de ao longo da história o canhotismo ter sido considerado algo aliado ao mal e ao negativo, hoje há uma nova postura. O canhoto gosta de ser diferente, de se destacar entre os demais.

Canhotismo. Escola. Família.

CAPES

Mestrado - M

DES - Psicologia do Desenvolvimento